

Palavras iniciais sobre a metodologia em ecolinguística

A few words about methodology of ecolinguistics

*Davi Borges de Albuquerque**

**Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário (NELIM)*

Resumo: O objetivo principal deste artigo é discutir a questão da metodologia na ecolinguística. Apoiando-se sobretudo nas ideias de Mark Garner, da ecolinguística dialética de Odense (Dinamarca) e de Couto (2013), o autor mostra que a ecolinguística só pode ser multimetodológica, em consonância com o holismo da visão ecológica de mundo.

Palavras-chave: Ecolinguística. Metodologia. Multimetodologia.

Abstract: The main objective of this article is to discuss the question of methodology in ecolinguistics. Drawing mainly in ideas of Mark Garner, the Dialectical School of Odense (Denmark) as well as in Couto (2013), the author shows that the discipline of ecolinguistics cannot help being multimethodological. This is in sync with the holism of the ecological view of the world it embraces.

Keywords: Ecolinguistics. Methodology. Multimethodology.

Introdução

A ecolinguística é uma disciplina recente, surgida na década de 1970, tendo como ‘pai’, o linguista Haugen (1972), que, apesar de não empregar o termo ‘ecolinguística’, nessa publicação, propôs uma análise ecológica das línguas, em que se levam em consideração as interações entre aspectos linguísticos e o meio ambiente. Dessa maneira, a ecolinguística pode ser definida como o estudo das relações entre a língua e seu meio ambiente, conforme vários ecolinguistas a definem até os dias de hoje, como Mühlhäusler (2003) e Couto (2007).

Atualmente, a ecolinguística possui diferentes vertentes teóricas, sendo as principais: ecolinguística crítica (GOATLY, 2001; HALLIDAY, 2001; TRAMPE, 2001); análise do discurso ecocrítica (RAMOS, 2004, 2009; ALEXANDER, 2009); linguística ambiental (HARRÉ, BROCKMEIER e MÜHLHÄUSLER, 1999; RAMOS, 2009); ecolinguística dialética (BANG; DØØR, 2007); linguística ecossistêmica (TRAMPE, 1990; BASTARDAS I BOADA, 1996; FINKE, 1996; STROHNER, 1996; COUTO, 2007, 2009) e ecologia das línguas (HAUGEN, 1972; CALVET, 1999; COUTO, 2009). Além disso, a ecolinguística também apresenta diferentes modelos teóricos, como o modelo gravitacional (CALVET, 1999), o modelo evolucionário (MUFWENE, 2001, 2008), o modelo da gramática pragmo-ecológica (MAKKAI, 1993), entre outros.

As análises conduzidas dentro da ecolinguística são realizadas de maneira diversificada procurando alcançar os mais variados objetivos. Isso faz com que os críticos da disciplina acabem por usar o fato como um argumento contra ela, afirmando que a ecolinguística não possui uma teoria, nem uma metodologia, própria e bem desenvolvida, como o fez Ostler (2001). Em Nash (2011b, p. 85), há uma breve discussão a respeito disso. Nash (2011b), mesmo sendo um ecolinguista, de origem australiana, acaba por concordar em parte com tal argumento, já que a própria teoria ecolinguística ainda não foi apresentada de maneira clara e objetiva, bem como não há um número substancial de estudos de caso.

A respeito das críticas mencionadas acima, é adotado aqui o argumento de Couto (2013, p. 282), assim como sua proposta de que a ecolinguística é uma ciência que tem uma visão abrangente de seu objeto de estudo, ou seja, uma visão holística da linguagem, e acaba por não se limitar à visão newtoniana-cartesiana tradicional. Assim, ela não precisa necessariamente ter uma visão única de seu objeto, nem metodologia própria.

A discussão sobre metodologia em ecolinguística é recente e vai mais além, conforme será apresentado no presente trabalho cujo objetivo é analisar as propostas metodológicas existentes para a ecolinguística.

Serão analisadas as quatro propostas principais que, de alguma maneira, apresentaram contribuições significativas à ecolinguística, sendo as seguintes: Garner (2004) com a visão da ecologia linguística não metafórica; Bang e Døør (2007), com a linguística dialética, ou ecolinguística dialética, que apresenta um modelo de análise de diálogos e textos, enfatizando alguns aspectos estruturais e ideológicos comuns em toda interação dialógica; Couto (2007, 2013) com a ecometodologia, baseada na multimedologia; Nash (2011a, 2011b, 2013), com a proposta de trabalho de campo ecolinguístico e o minimalismo empírico.

Assim, de acordo com o que foi exposto anteriormente, este trabalho se encontra dividido da seguinte forma: após a introdução (seção 1), será conduzida a análise das propostas metodológicas para a ecolinguística. Na seção 2, serão comentadas quatro propostas (GARNER, 2004; BANG; DØØR, 2007; COUTO, 2007, 2013; NASH, 2011a, 2011b, 2013), seguindo a ordem cronológica em que foram publicadas. Finalmente, na seção serão apresentadas as considerações finais.

1 As propostas de metodologia ecolinguística

Garner (2004) dedicou sua obra a uma visão ecológica da língua, bem como possui um artigo em que publica suas ideias de maneira mais resumida (GARNER, 2005). De maneira distinta de muitos autores que versam sobre a relação entre ecologia e linguística, Garner (2004) chama atenção para o fato de que as ideias de ecologia linguística originais de Haugen (1972) não foram exploradas devidamente, principalmente porque os conceitos ecológicos foram empregues metaforicamente. Assim, sua principal contribuição foi abordar a ecologia linguística de maneira não metafórica, já que para ele “a língua é um aspecto essencial da função que, nós humanos, assumimos na ecologia do planeta” (GARNER, 2004, p.33). Para este ecolinguista, a língua também faz parte do meio ambiente e a “natureza da língua e o papel que ela desempenha nas comunidades humanas surgem de fatores ecológicos” (GARNER, 2004, p.34). Assim, para poder estudá-la, deve-se pensar de uma maneira ecológica.

Desta maneira, a preocupação de Garner (2004) era de estudar a língua ecologicamente, empregando esse termo de maneira não metafórica, encarando a língua como um elemento natural que faz parte da humanidade e que é inerente aos processos de comunicação, de comunidade, de sociabilidade e da cultura.

A metodologia desse autor não se encontra explícita nas obras citadas (GARNER, 2004, 2005), mas é possível inferi-la por meio das análises da língua inglesa feitas na obra. Essa metodologia consiste em, a partir dos dados de uma língua específica, relacionar os

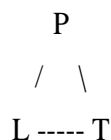
processos estruturais e comunicacionais dessa língua, como a gramática, as regras, a padronização, o significado, a fala, a variação e a criatividade, tendo uma visão ecológica deles, bem como observando as repercussões ecológicas e/ou a natureza ecológica desses processos.

Bang e Døør (2007) têm praticado a linguística dialética, também conhecida como ecolinguística dialética, que se baseia em uma série de pressupostos teóricos e ideológicos do marxismo. Para esses autores, a unidade mínima da linguística é o diálogo, podendo até ser estendida ao texto. No diálogo, são existentes três participantes: o falante, o ouvinte e o observador, bem como a língua, que se caracteriza como diálogo, apresenta como uma atividade dialética, possuindo três dimensões de referência e três eixos de contradições em sua práxis que são as bases para sua análise.

A metodologia proposta por Bang e Døør (2007) consiste na observação e análise no diálogo das três dimensões da referência e da práxis, mencionadas anteriormente. As três dimensões da referência são: a lexical, que diz respeito ao *co-texto social e individual*, ou seja, ao léxico e a gramática; a anafórica, que diz respeito ao *in-texto*, fazendo referência aos processos de catáfora e anáfora; a dêitica, a dimensão de tempo, pessoa e lugar, que equivale ao *con-texto*. As três contradições da práxis da linguagem são: a ideo-lógica, que consiste nas dimensões mentais e espirituais da prática da linguagem; a bio-lógica, relacionada com os processos e as relações corporais do ser humano; a sócio-lógica, em que os seres humanos são organizados em sociedade e todas as suas atividades, incluindo o diálogo.

Em Couto (2007), que consiste em um manual de ecolinguística, o autor postula sua teoria ecolinguística da Ecologia Fundamental da Língua (EFL), ou Ecossistema Fundamental da Língua, que equivale ao conceito da comunidade falante da língua. A EFL é formada pela Linguagem (L), pelo Povo (P) falante da L e o território (T) onde o P reside e fala a L. A tríade P-L-T é análoga ao signo semiótico de Peirce e é melhor representada graficamente de maneira triangular, de acordo com a Fig. 1, sendo que na posição do ápice do triângulo está localizado o P, indicando que a relação entre L e T é mediada por P.

Figura 1. Ecossistema Fundamental da Língua



Fonte: (COUTO 2007, p. 91, adaptado)

A metodologia encontrada na obra de Couto (2007) é uma forma embrionária de sua proposta multimetodológica, que foi formulada somente em Couto (2013). No decorrer de toda obra de Couto (2007), é possível perceber a ênfase que é dada à coleta de dados em campo, feitas pelo autor em diferentes localidades, em épocas distintas e para a realização de várias pesquisas. Assim, a metodologia consiste na coleta e na análise inicial dos dados de acordo com as teorias linguísticas tradicionais. A partir daí, com os dados e os resultados obtidos nas pesquisas anteriores, faz-se uma nova interpretação deles, com base na teoria ecolinguística, verificando as inter-relações entre os elementos de L, P e/ou T, de somente uma dessas categorias (as relações dentro de L, ou somente dentro de P, ou somente dentro de T), como se dão as relações na EFL, entre outros temas.

O posicionamento de Couto (2013) é de que a ecolinguística é uma ciência que apresenta uma nova maneira de ver e de estudar o fenômeno da linguagem, de maneira distinta da visão mecanicista tradicional. A metáfora utilizada pelo autor é aquela do observador na casa, que pode olhar a paisagem em uma janela e ter uma visão específica dela, depois se for a outra janela em outro cômodo da casa terá outra visão detalhada da paisagem, e são essas visões da janela que equivalem às diferentes teorias linguísticas tradicionais ou atuais, que apresentam uma visão detalhada de somente uma parte específica da língua. A ecolinguística equivale à visão do observador que se encontra no telhado da casa e pode olhar a paisagem como um todo. Porém, Couto (2013, p. 282) enfatiza que, mesmo com essa visão do todo, a ecolinguística não é uma ciência ou teoria que estuda tudo (*theory of everything*), mas é uma visão holística da linguagem, que pode usar certos recursos de outras disciplinas para se estudar um fenômeno linguístico específico.

Dando continuidade a sua proposta, Couto (2013, p. 291) afirma não ser válido falar de uma metodologia ecolinguística, já que o ecolinguista acaba por fazer uso da metodologia de outras disciplinas, chamadas de disciplinas parcelares, e as interpretações dos dados e das análises é que seguirão os conceitos da ecolinguística, considerando, assim, a ecolinguística como multimetodológica por causa de seu caráter interdisciplinar e multidisciplinar. Vale a pena lembrar que a multimetodologia já vem sendo utilizada em outras áreas do saber, como o autor salienta também neste mesmo artigo citando principalmente a psicologia ambiental, como nos artigos de Günther e Rozestraten (2005) e Günther, Elali e Pinheiro (2008), que definem multimetodologia e defendem sua aplicação nos estudos da psicologia ambiental.

De acordo com Günther, Elali e Pinheiro (2004, p. 7), na multimetodologia “é recomendável que os instrumentos empregados forneçam informações sobre aspectos complementares do fenômeno”. Os autores continuam, afirmando:

A maior dificuldade nesse sentido diz respeito à seleção e ao tratamento das informações obtidas (geralmente em grande quantidade) e, sobretudo, ao empenho para buscar aspectos nos quais as mesmas se complementam e se confrontam entre si, de modo a compreender holisticamente a realidade. (GÜNTHER, ELALI; PINHEIRO 2004, p. 7).

Em outras palavras, os autores discutem que um ponto crítico na abordagem multimetodológica é a escolha dos métodos a serem utilizados para se investigar o objeto de estudo específico, pois esses métodos não podem ser aleatórios, devendo haver uma relação, principalmente de complementação, entre eles para que, por meio dos diferentes métodos, o pesquisador possa alcançar o mesmo objeto e as mesmas conclusões, usando somente caminhos distintos. Isso requer que o investigador elabore um planejamento de quais métodos serão empregados, podendo haver até uma hierarquização ou classificação deles, mas no final os resultados serão mais profícuos do que uma investigação que empregou apenas um único método, conforme os próprios autores, Günther, Elali e Pinheiro (2004, p. 7), explicam:

O pesquisador interessado na abordagem multimétodos pode aplicar uma classificação [...] para definir os métodos de coleta e análise de dados a serem empregados, assegurando-se que boa dose de complementaridade entre eles já estaria garantida de saída. Ele estaria bem encaminhado para atingir um patamar de qualidade muito superior ao de uma análise unimetodológica.

De maneira distinta, Nash (2011a, 2011b, 2013) realiza uma investigação sobre os topônimos das ilhas de Norfolk e Kangaroo. A preocupação maior do ecolinguista durante sua pesquisa foi a de elaborar uma metodologia e um processo de coleta de dados que estivesse mais em conformidade com os pressupostos ecolinguísticos, além da própria análise dos dados. Sua contribuição maior para a metodologia da ecolinguística foi a de elaborar duas propostas de metodologia importantes, são elas: o trabalho de campo ecolinguístico e o minimalismo empírico.

Em Nash (2011a), sua tese de doutorado, o autor acaba por dedicar um capítulo inteiro à questão da metodologia em ecolinguística e explicita sua concepção do que é o trabalho de campo ecolinguístico, que segue uma metodologia própria, diferente do trabalho de campo na teoria linguística tradicional. Assim, o autor explica as características do que ele chama de trabalho de campo ecolinguístico (ing. *ecolinguistic fieldwork*), que leva em consideração a relação entre a comunidade, os informantes, o pesquisador e a

pesquisa, sendo fundamental a relação entre os elementos humanos, os informantes e o pesquisador, e entre o pesquisador e sua inserção na comunidade, que passa a interagir com ela, entendê-la e fazer parte dela, conhecendo melhor as ecologias social e física, que são análogas aos ecossistemas sociais e físicos de Couto (2007, 2013).

Assim, para Nash (2011a, p. 221), ao interagir e conquistar a confiança da comunidade, a ponto de fazer parte dela, o pesquisador passa a interagir na ecologia social e na ecologia natural, já que, ao estar inserido na comunidade pesquisada, o pesquisador passa a empregar a língua local em seu dia a dia e a praticar as categorias de significação também locais.

Outro fator a ser levado em conta, segundo Nash (2011a, p. 90) é que a coleta de dados que segue o trabalho de campo ecolinguístico ocorre de maneira informal e natural, pois o pesquisador ao conviver com a comunidade e os informantes, fazendo parte dela acaba por obter dados por meio de diálogos e interações do cotidiano. Esta proposta metodológica de Nash (2011a) é retomada posteriormente por em Nash (2013, p. 37).

Tudo o que se afirmou a respeito da metodologia do trabalho de campo ecolinguístico até agora está em sintonia com as visões de mundo orientais, conforme Couto (2012) apresenta, ao relacionar o taoísmo com os estudos da linguagem¹, assim como também em Capra (1998, 2002), ao perceber que os avanços da teoria quântica e da teoria da relatividade possuem traços semelhantes ao misticismo oriental. Couto (2013, p. 116) também salienta que no início do século XX alguns pensadores, como Husserl (1963) e Bachelard (1979, 1996) já consideravam a inclusão do observador na investigação, assim como o fato de que qualquer objeto estudado pela ciência na realidade não é uma unidade simples que pode ser decomposta em unidades menores.

A ecolinguística encara o fenômeno da linguagem da mesma maneira, como uma série de interações e inter-relações entre fenômenos que estão conectados uns com os outros, fazendo com que o estudo de uma parte separada (um único fenômeno linguístico específico) seja uma abstração que, além de não se relacionar com o objeto de estudo como um todo, não está de acordo com a realidade, que é a língua em uso por seus falantes.

Resumindo, é possível perceber que tanto na ecolinguística como na visão de mundo oriental que vêm influenciando as revoluções científicas contemporâneas, há uma mudança do foco de interesse e objetivos de investigação, no lugar de se estudar os objetos, como na visão tradicional mecanicista, estudar-se-ão as relações (BATESON, 1979), da

¹ Em Stibbe (2003), o ecolinguista inglês também aponta relações entre estudos da linguagem contemporâneos, como a ecolinguística, com o misticismo oriental antigo e a teoria do construcionismo social. O autor faz críticas aos modelos linguísticos tradicionais, enfatizando a semântica formal.

mesma maneira de que no lugar de se eliminar a importância do pesquisador/observador como uma figura neutra, leva-se em consideração sua perspectiva como experienciador das relações a serem estudadas por ele.

Finalmente, em Nash (2011b, p. 94), é exposta a proposta chamada por ele de minimalismo empírico. Esse procedimento consiste na escolha de um objeto de estudo reduzido por parte do pesquisador para que possa ser melhor estudada a maior parte das inter-relações que ocorrem dentro do ecossistema escolhido para investigação. Outro fator digno de nota é que Nash (2011b, p. 95) ao postular que cada ecologia é única, e que ao se realizar estudos de caso em ecolinguística não se pode fazer generalizações, o autor acaba por instigar os ecolinguistas a conduzirem mais estudos de caso que descrevam os ecossistemas linguísticos locais, chamados por ele de ecologia de língua (*language ecology*), e valorizar o conhecimento produzido por tais investigações.

Considerações finais

Ao se realizar uma avaliação das propostas de metodologia para a ecolinguística, a que se apresenta como mais apropriada é a multimetodologia (COUTO, 2013), também conhecida como ecometodologia, ao ser adaptada à abordagem ecológica da linguagem. Tal avaliação se justifica por diversos fatores, sendo os principais algumas falhas encontradas nas demais propostas discutidas neste trabalho.

A seguir serão enumerados alguns pontos da avaliação feita pelo presente autor. A linguística dialética (BANG; DØØR, 2007) e a proposta de Garner (2004) apresentam limitações por se focarem somente em diálogos e textos escritos. O que torna essas metodologias inapropriadas para analisar outros tipos de empregos da língua, bem como outras interações comunicativas.

A linguística dialética também apresenta uma carga ideológica grande ao firmar suas bases teóricas no marxismo. A ideologia marxista tem pelo menos três características que são inaceitáveis em uma visão ecológica do mundo: o conflito, a ditadura do proletariado e o antropocentrismo. Digno de nota, é que as duas primeiras características estão ligadas à luta de classe, ou seja, enfatizam a desarmonia e a luta entre os seres humanos, enquanto a terceira característica, o antropocentrismo, destaca o valor e a importância da espécie humana sobre as demais, assim todas essas características estão em conflito com a visão ecológica de mundo, que é a favor da harmonia, da paz, do convívio e da manutenção da vida.

O trabalho de campo ecolinguístico e o minimalismo empírico (NASH, 2011a, 2011b, 2013) apresentam características que estão em harmonia com a visão ecológica de mundo, bem como uma série de preocupações com a teoria ecolinguística, porém a preocupação de ambas as propostas é apenas com o processo de coleta de dados. O que torna tal proposta extremamente limitada, já que quase não contribui com aspectos da interpretação e análise dos dados coletados.

Finalmente, mesmo com a ecometodologia sendo apontada aqui como a proposta metodológica mais eficaz para a ecolinguística, o presente autor reconhece que se faz necessário ampliá-la, bem como refiná-la, por meio do desenvolvimento de alguns aspectos teóricos da multimetodologia, para que esta se torne mais clara aos investigadores. Deve-se levar em conta também que estes aspectos teóricos devem ser discutidos e desenvolvidos com base em um número maior de estudos de caso ecolinguísticos, ou seja, pesquisas que façam uso da ecometodologia na prática. Assim, a partir daí, os ecolinguistas poderão expandir a teoria da ecometodologia, bem como os benefícios e as características de como aplicá-la.

Referências

ALEXANDER, Richard. *Framing Discourse on the Environment: A Critical Discourse Approach*. New York: Routledge, 2009.

BACHELARD, Gaston. A filosofia do não. Trad. Joaquim José M. Ramos. In: *Bachelard*. Coleção 'Os Pensadores'. São Paulo: Ed. Abril, 1979.

_____. *O novo espírito científico*. Trad. Antônio José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1996.

BANG, Jørgen C.; DØØR, Jørgen. *Language, Ecology and Society. A Dialectical Approach*. Editado por Sune Vork Steffensen e Joshua Nash. Londres: Continuum, 2007.

BASTARDAS I BOADA, Albert. *Ecologia de les llengües. Medi, contactes i dinàmica sociolingüística*. Barcelona: Proa, 1996.

BATESON, Gregory. *Mind and Nature: A Necessary Unity*. New York: Hampton Press, 1979.

CALVET, Louis-Jean. *Pour une écologie des langues du monde*. Paris: Plon, 1999.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1998.

_____. *O tao da física*. São Paulo: Cultrix, 2002.

- COUTO, Hildo H. *Ecolinguística. Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- _____. *Linguística, ecologia, ecolinguística*. Contato de línguas. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. *O tao da linguagem*. Campinas: Pontes, 2012.
- _____. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem & Sociedade*, v. 14, n. 1, p. 275-313, 2013.
- FINKE, Peter. Sprache als *missing link* zwischen natürlichen und kulturellen Ökosystemen. Überlegungen zur Weiterentwicklung der Sprachökologie. In: FILL, Alwin. (org.) *Sprachökologie und Ökolinquistik*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996. p. 27-48.
- GARNER, Mark. *Language: An ecological view*. Oxford: Peter Lang, 2004.
- _____. Language ecology as linguistic theory. *Kajian Linguistik dan Sastra*, v.17, n. 33, p. 91-101, 2005.
- GOATLY, Andrew. Green Grammar and Grammatical Metaphor, or Language and Myth of Power, or Metaphors We Dye by. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (eds.). *The Ecolinguistics Reader*. Londres/ New York: Continuum, 2001. p. 203-225.
- GÜNTHER, Hartmut; ELALI, Gleice A.; PINHEIRO, José Q. A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações. *Série Textos de Psicologia Ambiental*, n. 23, Laboratório de Psicologia Ambiental, UnB, 2004.
- GÜNTHER, Hartmut; ROSESTRATEN, Reinier J. A. Psicologia ambiental: considerações sobre sua área de pesquisa. *Série Textos de Psicologia Ambiental*, n. 10, Laboratório de Psicologia Ambiental, UnB, 2005.
- HALLIDAY, Michael A. K. New Ways of Meaning: the Challenge to Applied Linguistics. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (ed.). *The ecolinguistics reader*. Language, ecology, and environment. Londres: Continuum, 2001. p.175-202.
- HARRÉ, Rom; BROCKMEIER, Jens; MÜHLHÄUSLER, Peter. *Greenspeak*. A Study of Environmental Discourse. Londres: SAGE, 1999.
- HAUGEN, Einar. *The Ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972. HUSSERL, Edmund. *Ideas: A General Introduction to Pure Phenomenology*. Trad. W. R. Boyce Gibson. New York: Collier Books, 1963.

MAKKAI, Adam. *Ecolinguistics. ¿Toward a New **Paradigm** for the Science of Language?* Londres: Pinter Publishers Ltd., 1993.

MUFWENE, Salikoko. *The ecology of language evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. *Language Evolution*. Contact, Competition and Change. Londres: Continuum, 2008.

MÜHLHÄUSLER, Peter. *Language of environment, environment of language: a course in ecolinguistics*. Londres: Battlebridge, 2003.

NASH, Joshua. *Insular toponymies: pristine place-naming on Norfolk Island, South Pacific and Dudley Peninsula, Kangaroo Island, South Australia*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística). School of Humanities, University of Adelaide, Adelaide, 2011a.

_____. Norfolk Island, South Pacific: An empirical ecolinguistic case study. *AUMLA – Journal of the Australasian Universities Language and Literature Association*, v. 116, p.83-97, 2011b.

_____. *Insular Toponymies*. Pristine Place-naming on Norfolk Island, South Pacific and Dudley Peninsula, Kangaroo Island. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2013.

OSTLER, Nicholas. *Little Jack Homer's Christmas Pie*: Review of Alwin Fill e Peter Mühlhäusler eds. *The Ecolinguistics Reader: Language, Ecology and Environment*. Foundation for Endangered Languages, 2001. Disponível em: <<http://www.ogmios.org/1711.htm>>. Acesso em 19 out. 2013.

RAMOS, Rui. Ecolinguística: um novo paradigma para a reflexão sobre o discurso? In: OLIVEIRA, Fátima; DUARTE, Isabel Margarida (Org.). *Da Língua e do discurso*. Porto: Campo das Letras, 2004. p. 545-562.

_____. *O discurso do ambiente na imprensa e na escola*. Uma abordagem linguística. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian /Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2009.

STIBBE, Arran. The Tao of language: Parallels between contemporary linguistics and Eastern mysticism. *Bulletin of the International Cultural Research Institute of Chikushi Jogakuen University*, v. 14, p. 15-30, 2003.

STROHNER, Hans. Die neue Systemlinguistik: Zu einer ökosystemischen Sprachwissenschaft. In: FILL, Alwin (Org.). *Sprachökologie und Ökologielinguistik*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996. p. 49-58.

TRAMPE, Wilhelm. *Ökologische Linguistik. Grundlagen einer ökologischen Wissenschafts- und Sprachtheorie*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1990.

_____. Language and Ecological Crisis: Extracts from a Dictionary of Industrial Agriculture. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (eds.). *The Ecolinguistics Reader*. Londres/ New York: Continuum, 2001. p. 232-240.

DAVI BORGES DE ALBUQUERQUE

Doutor e Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília. Possui graduação em Letras pela mesma instituição. Integra o Núcleo de Estudos em Ecolinguística e Imaginário (NELIM). E-mail: albuquerque07@gmail.com.